

VISÕES

(Demas Wolf)

A irrelevância envolta pelo breu daquele momento passou a fazer tanto sentido quanto as batidas do coração pulsante naquele corpo... A percepção ligara-se de forma a inspecionar o mundo. Era um sonar pronto a captar qualquer maravilha que esperançasse aquela vida transportada incessantemente por labirintos corpóreos na simples missão de existir.

A lembrança arremetia à luz, tão doce e sublime claridade vista após a passagem do túnel. Seus pés adentravam o mundo. Pensamentos fluíam sem qualquer significado.

Não havia explicação, tudo era sinal de fumaça. Zumbia o mundo ao seu redor, vinha vociferado na agudez profunda de um apito crescente, evoluía lento... Direto do centro de cérebro até as paredes ósseas que protegem a massa pensante. Sentiu uma sensação estranha e dormente tal qual uma anestesia. Era então um corpo dormente com consciência ativa. Aos poucos a eletricidade responsável pela ativação dos sentidos foi restabelecendo aquela individualidade e suas funções.

Pela pouca abertura das pálpebras, a luz começa a entrar, irrompia o breu cego, a ilusão do mundo, tocava abruptamente aquelas retinas. A sensação ligada ao existir passou a ser tão mais forte e real, que tudo fez sentido... Respirou... Sugou o máximo que pôde, sentiu a dor nos pulmões. Era uma criança novamente. Ouvia vozes e se perguntava sobre como poderia ter o entendimento de que estaria nascendo... Se a memória da vinda é negada em unanimidade a todo ser vivente? Foi, então, a sua primeira descoberta... Não estava nascendo, pois, já era vivo.

Ouvia vozes, não se concentrava, eram apenas vozes. Invadiam o seu imaginário surreal como a loucura de um sonho. Brincavam com os seus ouvidos, mas daquela brincadeira não ecoava nenhuma gargalhada. Crescia a sonoridade, estabeleceu-se um ruído metálico e de certa forma surgia uma nova sensação. Menos anestésica... Mais dolorida. Nova sensação. Novo gosto.

Chegara àquela boca um caldo quente levemente adocicado, temperado também com uma pitada de sal. Era revigorante. Acreditava ser uma sopa, só não sabia quem a oferecia. Viu-se, mais uma vez, ser arrebatado pela luz. E teve a certeza de estar vendo Deus. Surgia complacente, caminhava a passos lentos e trazia consigo um objeto reluzente. A cada fulgurar do objeto, o homem recobrava mais e mais os sentidos. Enxergou as portas do paraíso. Uma breve história antes do retorno.

Tudo aquilo que outrora chegara a ele ecoado através do sopro do vento de forma atordoante e irreconhecível, começava, agora, a constituir palavras. O ouvido doía, a anestesia findara. O choque maior veio com o poderio da visão totalmente recobrado.

A realidade se misturava com luzes vermelhas e azuis, o local estava repleto de fardas que se movimentavam para baixo e para cima muito rapidamente. O cheiro no ar era de urgência, e não havia sequer sopa quente no local... A única bebida quente, que jorrava por ali, era constituída de hemácias. Vários corpos já haviam tombado quando um ainda permanecia. Bebera do próprio sangue. Era a sua última refeição, quando pôde ouvir um motorista de caminhão explicando para uma das fardas que por ali circulava – “Eu joguei a luz na cara dele, mas ele não viu.” E continuou – “Enfiei a mão na buzina até quase ficar surdo e ele também não ouviu. Que desfecho...” – O homem se lamentava enquanto outro contemplava toda a cena de um ângulo bem menos agradável.

Próximo à sua cabeça, bem junto às ferragens, equipamentos cortantes estrondavam um som metálico, repetia-se um som agudo que trombava entre a caixa craniana e o cérebro... Bem ali, o som ficava preso. Ninguém estava nascendo. Deus não circulava por ali. Na mente daquele homem enroscado nas ferragens, posto ali como se uma isca fosse, findava um último pensamento sobre a sua visão mais enigmática. Pensava sobre o vulto que trazia consigo um objeto reluzente. Buscava com os olhos por entre todas aquelas fardas. Encontrara, fora agraciado antes do súbito momento que o aguardava, estava ali a sua última dádiva.

Durante o resquício de sua vida, quando estava quase por tombar, avistou uma farda que se locomovia lentamente portando um artefato reluzente e prateado. Fez memória dos seus hábitos e flagrou-se em pensamento tomando muitos e muitos goles. Passara aquela noite efêmera com a coroa de um rei, sonhou ter sido eterno. Olhou mais uma vez à sua volta... Contou os corpos, sentiu a queadura do próprio sangue... Viu o fim. Teve o seu posfácio registrado na certeza de que havia passado a vida como um deus, mas seria enterrado como um diabo.